

## APERFEIÇOAMENTO

### *Primeira reunião mensal de 1943*

#### *A contribuição da educação ao esforço de guerra*

**A**SÉRIE de reuniões mensais para exposição e debate de assuntos de administração pública de interesse geral, iniciada em 1942 pela Divisão de Aperfeiçoamento do D.A.S.P., inaugurou-se em 1943 com a reunião de 27 de janeiro último, em que o Sr. Murilo Braga de Carvalho, diretor da Divisão de Seleção do mesmo Departamento, pronunciou a conferência que a seguir publicamos, subordinada ao título "A contribuição da educação ao esforço de guerra":

"Ao lado dos valores morais e espirituais que deve inculcar na criança e no adolescente, a educação, objetivamente considerada, deve dar aos indivíduos os instrumentos de ação e de pensamento para promover a sua integração eficiente na vida social. Isso, aliás, é tão evidente que seria enfadonho nos determos em considerações.

Acontece, porém, que, no momento, esta guerra veio mostrar que os recursos humanos são tão esgotáveis quanto as matérias primas; que os recursos humanos têm tanto valor estratégico quanto a borracha e o óleo; e, ainda, que se o Estado não providenciar o estabelecimento de um programa de conservação, desenvolvimento e emprego científico desses recursos, não estará admitindo a guerra pelo seu aspecto mais delicado e altamente complexo.

Ora, cabe à educação formar e desenvolver os recursos humanos; todavia, essa formação e esse desenvolvimento dependerão das exigências do conflito e de sua própria natureza. Isso posto, verifica-se que os fins da educação estão sendo atingidos em cheio pela guerra em curso.

Na verdade, se nos voltarmos para os cenários de luta, em que "sangue, suor e lágrimas" deram ao povo nova mentalidade, nova compreensão de vida social; em que velhos dogmas raciais estão sendo revistos; em que o trabalho e a decisão da luta empanaram divergências e preconceitos; então, concluiremos, sem esforço, que os fins da educação estão sendo revistos, não só para atender às exigências da guerra como para atenuar os efeitos da adaptação a uma nova era, cujos albos já deixam ver mais felicidade, mais justiça, mais solidariedade social e mais valorização da pessoa humana.

A observação e o estudo dos programas que estão sendo executados pelo nosso grande aliado do norte, criaram no seu espírito alguns problemas cujo debate aqui neste auditório servirá não só para esclarecer as minhas dúvidas como para fixar a validade de algumas proposições cujo conteúdo procurarei enunciar.

A primeira delas é um truismo educacional; não obstante, como temos, quasi sempre, o hábito de nos impressionar com as soluções dadas por outros povos, procurarei aqui tratar de uma verdade axiomática:

"A educação é em cada povo produto de seus fatores históricos; está condicionada por suas circunstâncias sociais, econômicas, culturais, etc." (Luzuriaga).

Na verdade, não há como negar-se esse fato evidente. Em todos os tempos e em todos os povos isso se verificou. Educou-se para tudo: pagem, cavaleiro, príncipe, guerreiro, etc.

Ocorre que em nossos dias os conhecimentos técnico-científicos são o denominador comum das atividades dos povos. E a guerra ainda mais exagerou essa situação. No Brasil, marchamos aceleradamente para a industrialização, que só poderá ser realizada em função da *qualidade* e do *número* de técnicos de que dispusermos. Ainda mais: a nossa participação em uma guerra técnico-científica será tanto mais eficiente quanto maior for o número de técnicos e especialistas de que dispusermos. Assim, no momento atual, uma preocupação estará atribulando os nossos educadores: a *formação técnico-científica de reservas humanas*.

Essa afirmação poderá, sem dúvida, levantar discussões filosóficas. Todavia, pouco me interessam esses torneios de expressões complexas e muitas vezes ininteligíveis pelos próprios combatentes. Porque, no momento, não há lugar para filosofias de grupos: só há uma filosofia — aquela que nos ditarem os supremos interesses da Pátria. Pouco importam as conclusões estranhas a que tenham chegado pensadores alienígenas ou aborígenes, a respeito dos fins últimos da educação. Todas nos interessarão, desde que se coadunem com as nossas condições históricas, econômicas e culturais e possam traduzir nossas aspirações de povo livre.

Isso posto, parece-nos justo concluir que, no momento, o planejamento de nossa educação, para que ela preste a sua colaboração ao esforço de guerra, deverá considerar não só os nossos problemas espirituais e econômicos como também a natureza dos conhecimentos científicos que devam ser ministrados aos indivíduos afim de equipá-los eficientemente para perfeita integração à vida presente e futura.

Considerado esse raciocínio, daí chegaríamos facilmente ao ponto em que a educação deve ter, além de um caráter *homogeneizador*, um *diferenciador*, ambos, aliás, da mesma importância.

A educação deve procurar dar ao indivíduo uma atividade profissional de acordo com as aptidões e capacidades desse indivíduo.

Realmente, não há educação, na legítima acepção do termo, que não procure dar os elementos necessários para que o indivíduo revele as suas capacidades e aptidões. Não poderá haver uma fôrma capaz de abarcar todas as capacidades dos indivíduos. Assim, a educação em seu planejamento não pode submeter-se a filosofias estranhas, nem tão pouco as capacidades dos indivíduos são suscetíveis de ajustamentos a sistemas de pensamento.

Por outro lado, nos tempos que correm, — tempos de uma civilização que sofre o jugo da máquina e da ciência — para que possamos ser coerentes e integrados ao meio, precisamos fugir às correntes facciosas, e pormo-nos integralmente ao serviço do Estado, ao qual cabe, em tempo de guerra, traçar os quadros dentro das realidades econômicas e espirituais, e coordenar o encaminhamento dos indivíduos, afim de conseguir de cada um o máximo de rendimento.

Porque se assim não proceder, o Estado será um agente de desperdício de reservas humanas, numa época em que o indivíduo vale na medida em que possa produzir para a coletividade.

Todo sistema de educação que, em tempo de guerra ou de paz, nesse estágio de civilização técnica, desprezar o estudo e o aproveitamento total do indivíduo, será uma força atuando para depauperar as reservas técnicas do próprio Estado.

De tudo isso se poderá concluir que

em tempo de guerra, a educação não poderá ser *neutra*; deverá verificar a natureza do conflito e ajustar os seus elementos para prestar sua contribuição ao esforço de guerra, do mesmo modo que as fábricas na retaguarda e os soldados da primeira linha de defesa.

Se há vinte e cinco anos isso já era verdadeiro, agora mais se acentua esse caráter de participação da educação nas atividades de guerra.

A ciência aplicada deu novo curso à vida e à guerra. Máquinas de extraordinária precisão e instrumento de alta complexidade deram novo andamento à marcha das operações; e tudo isso, criado pelo gênio científico, exige a intervenção de recursos humanos absolutamente diversos. A máquina de guerra foi tão transformada que todos os postulados clássicos foram subvertidos. De uma luta de homens, de um conflito de massa, se transformou em guerra total, na qual máquinas e especialistas tem papel preponderante.

A guerra que enfrentamos é trágicamente técnica; guerra que envolve os mais variados instrumentos de luta — instrumentos altamente técnicos, máquinas altamente complicadas. E essas máquinas e esses instrumentos devem ser e só podem ser conduzidos por homens técnicos, por homens altamente especializados, porque, caso contrário, um inimigo, excepcionalmente treinado, encontrará sempre presa fácil, quando defrontar homens profissionalmente inferiores e mal treinados, incapazes, portanto, de conduzir com o máximo de rendimento as máquinas que a engenharia e a ciência conceberam.

Nesse conflito, portanto, o homem-aptidão é que tem papel preponderante; o valor de sua atuação está na razão direta de sua capacidade profissional.

Se um indivíduo tiver caracterização profissional, experiência e aptidões é um elemento útil. No caso contrário, terá de ser treinado por longo período, afim de se transformar, de homem simplesmente, em homem-aptidão, homem-produção.

E não há, portanto, como negar que a educação está desempenhando e vai representar um papel da maior importância no desenvolvimento dos recursos humanos, bem como no reaparelhamento daqueles indivíduos que, por deficiência de cursos, não tenham adquirido o conjunto de capacidades úteis para emprêgo nas operações bélicas.

Por outro lado, a máquina de guerra exige a intervenção do país como um todo, afim de atender as exigências criadas pela luta. Assim, a idéia de uma *educação neutra* se choca com a concepção de guerra total, porque esta precisa ser organizada e dirigida na base do homem-produção, de homem-rendimento. Por conseguinte, se concordarmos com esse pensamento, a educação não poderá ficar indiferente ao programa de guerra. Deverá ter uma participação ativa para que não seja acusada de neutralidade em face da guerra.

Na verdade, a educação, a exemplo dos demais setores da vida nacional deverá reajustar-se ao programa de guerra. E como estamos dentro de conflito que exige engenheiros, químicos, meteorologistas, físicos, eletricitistas, torneiros, maquinistas, motoristas e mais alguns milhares de atividades técnico-científicas, segue-se que não será possível admitir que possíveis discussões bizantinas obriguem o Estado a perder tempo, numa época em que as decisões não podem sofrer protelações ou discussões a qualquer título que não sejam os interesses do Estado, do povo, enfim.

A educação, portanto, em face da guerra, tem posição definida. Não poderá ser neutra. Desde a escola primária até a Universidade, desde a escola rural até a escola profissional, todos devem agir como instrumento poderoso para a formação de um grupo social integrado no esforço de guerra. Em nenhum momento a escola ou os professores poderão esquecer que estão a serviço da Pátria, e como tal dispostos a não discutir ordens mas a executá-las.

Se não deve ser neutra mas ajustar-se aos objetivos da guerra, segue-se:

a educação no momento atual, deverá ser o mais possível técnico-científica. Isto é, os cursos e programas deverão ser orientados no sentido de dar ao indivíduo uma formação técnico-científica afim de mais facilmente permitir o seu ajustamento à própria vida.

Já dissemos que não poderá haver educação neutra em face da guerra. Já mostramos igualmente a natureza técnico-científica do conflito em que estamos envolvidos; logo, não há como negar que, no momento atual, deveremos dar aos indivíduos uma formação técnico-científica, afim de que possamos conseguir dele o mais rapidamente possível uma colaboração eficiente para o esforço de guerra.

Se tomarmos como exemplo o maior sistema de educação de todos os tempos, verificaremos que, a despeito de ter desenvolvido, por vários anos, um extraordinário programa de educação técnico-profissional para servir ao maior parque industrial do mundo, com o advento da guerra, isso ainda foi insuficiente, e, no momento, o que se observa, nos Estados Unidos é justamente um abandono das fórmulas clássicas ainda remanescentes, para substituí-las quasi

que integralmente, com o objetivo de equipar o homem com instrumentos úteis, elementos de contribuição ao esforço de guerra.

Com efeito, compreendem os nossos grandes aliados que mais do que nunca o homem técnico-científico terá um papel preponderante no desenvolvimento desta guerra e nos problemas tremendos que surgirão no após-guerra.

E tanto assim que quando se iniciou o trabalho de mobilização, antes de Pearl Harbour, compreenderam que estavam em face de uma guerra na qual o cientista e o homem técnico especializado teriam de representar um papel da maior importância. E como os recursos humanos são limitados, traçaram, imediatamente, um plano para o melhor aproveitamento de todos os cientistas e homens altamente qualificados.

Pensaram os americanos: se não dermos acurada atenção às aptidões do homem, sofreremos, muito cedo, uma tremenda carência de técnicos, problema que não poderá ser resolvido de uma hora para outra.

Por outro lado, ficaram eles muito impressionados com o uso indiscriminado, feito pela França e Inglaterra, dos cientistas e técnicos especializados, que deveriam ter permanecido no front-produção dando sua excelente contribuição ao esforço de guerra.

Impunham-se, portanto, estudos para o planejamento de um órgão que se encarregasse da administração de todos os recursos humanos disponíveis, onde quer que esses recursos humanos incluíssem cientistas e homens altamente qualificados.

Organizou-se, então, o Cadastro Técnico-Científico, que é um índice analítico e, mais do que isso, é um orçamento dos cientistas e técnicos do país, afim de utilizá-los convenientemente no programa de guerra.

Mas não é só: fixando a receita e orçando a despesa técnica, poderá indicar às fontes de desenvolvimento de novos recursos humanos qualificados, onde mais se faz sentir a carência de técnicos. E ainda aqui caberá à educação agir decisivamente e sem discussões filosóficas, para formar os novos contingentes de técnicos e especialistas.

Dêse modo, a solução do Cadastro não é apenas u'a medida de emergência, concebida pelos Estados Unidos, para resolver a crise de recursos humanos, quando, em 1940, verificaram que não havia, no Governo Federal, qualquer indicação que permitisse localizar esses recursos técnicos, para a devida utilização eficiente na guerra. E' uma solução inteligente e prática para resolver os problemas dos recursos humanos.

Se deve preparar para os momentos atuais, deverá a educação preparar os contingentes para o após-guerra:

a educação deverá preparar o homem para o surto de uma nova era.

Essa conclusão decorre da observação atenta dos próprios fatos e da leitura dos documentos fornecidos pelos homens que estão dirigindo a guerra. Quem quer que analise os fatos e procure compreender o conteúdo de nossos dias verificará que uma nova era se aproxima à medida que a vitória se torna mais próxima.

Por outro lado, medite-se o que representa o esforço da indústria para a vitória. Milhares de descobertas, no campo da ciência, virão ao serviço da nova era; o que

antes representava esforço extraordinário ou quasi impossibilidade, hoje já passou para o terreno da vida comum; o sensacional de ontem, no campo científico, é o cotidiano hoje. Tudo sofre implacavelmente os efeitos das aplicações da ciência.

As distâncias, outrora quasi intransponíveis, hoje nada significam à vista dos meios de transportes. New York está hoje tão distante de Londres quanto Londres de Paris há vinte anos. Objetivamente, Belo-Horizonte está hoje tão próxima do Rio quanto Petrópolis.

E que possibilitou tudo isso? As aplicações da ciência. E que representa tudo isso? E' o limiar da nova era, que será dominada pelas aplicações da ciência. São os primórdios de um novo mundo que, sem dúvida, nos trará uma existência feliz e mais justa.

No Brasil, aliás, o nosso Presidente já anunciou essa nova era:

“As conseqüências da luta em que nos empenhamos e que decidirá dos destinos do mundo não podem causar-nos apreensões. Os privilégios de casta, os preconceitos raciais, as desigualdades de fortuna, as opressões de classe, os ódios mesquinhos, todos os valores aparentemente inconciliáveis da civilização contemporânea hão de fundir-se nesse incêndio de vastas proporções em holocausto ao surto de uma nova era”.

Essa nova era será o fim de uma “cultura intelectual sem objetivo claro e definido” e que só “deve ser considerada luxo acessível a poucos indivíduos e de escasso proveito para a coletividade” (Getúlio Vargas). E nessa nova era a educação terá um papel decisivo, pois que somente ela poderá fornecer os recursos humanos para promover a industrialização que se aproxima, a formação de uma mentalidade técnica no Brasil, para a exploração do petróleo, que deixou de ser uma hipótese, para a exploração de nossas cubiçadas riquezas de sub-solo, para a indústria pesada do ferro e do aço, enfim, será a educação — educação técnico-científica — que nos dará os recursos humanos indispensáveis para atingirmos a conquista de nossos ilimitados recursos, dentro do nosso próprio território.

Mas, para tudo isso será preciso, e aqui vai a última conclusão, que a educação seja doutrinária. Doutrina para fazer crer no Brasil; doutrina para servir ao Brasil; doutrina para dar ao Brasil o seu próprio sangue nos momentos em que os destinos da Pátria o exigirem; doutrina para fazer crer nos postulados da Democracia; doutrina para fazer crer nos ideais americanos; doutrina, enfim, para a formação de um povo livre. E ainda aqui será a educação que irá dar o teor do patriotismo, ensinando, doutrinando o sacrifício, o desprendimento, para que tenhamos a bravura do guerreiro, a pertinácia do trabalhador, a paciência do sábio, o devotamento do agricultor, a inflexibilidade do juiz e a serenidade do governante”.

Os debates foram iniciados pelo Sr. Joaquim de Faria Gois Filho, diretor do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, que disse:

“Estou em má posição para ser aqui um debatedor. O debate supõe alguma forma de contestação ou de posição antagônica. O meu acôrdo com as linhas fundamen-

tais do ponto de vista do professor Murilo Braga não me deixa oportunidade para trazer refutações ou críticas.

Há, entretanto, um trecho do trabalho que temos o prazer de examinar que, ao nosso ver, merece alguns comentários. Refiro-me ao ponto (pág. 4) no qual o Prof. Murilo Braga acentua o caráter marcadamente técnico da guerra, a determinar não só grande complexidade na marcha das operações, como a exigir a seleção dos homens, segundo aptidões e o preparo técnico da maioria.

Daí um esforço de guerra, de caráter especial, a ser exigido da escola no período da luta, praticamente ignorado nas guerras do passado. E' como quem diz "ao aparelho escolar cabe, na guerra dos nossos dias, realizar uma tarefa de absoluta importância para a vitória". Essa, ao nosso ver, uma das conclusões fundamentais do trabalho do autor.

A sua observação tem completa procedência e merece ser destacada. Em verdade, a mobilização dos nossos dias atinge a quasi todos os setores da vida nacional, senão a todos.

Os mobilizados se concentram em dois campos principais: o da caserna e o do trabalho: Em ambos vai haver treinamento prévio, para adexramento nas técnicas da luta e da produção.

Êsse o panorama de todas as nações mobilizadas. Nos Estados Unidos, cujo esforço de guerra o nosso conferencista observou tão bem, êsse quadro apresenta aspectos verdadeiramente surpreendentes. O preparo do homem para o trabalho, assunto mais do nosso conhecimento, foi, ali, em todos os tempos, extraordinário, dada a base industrial da civilização do grande país do norte. O caráter mecânico desta guerra veio, entretanto, determinar, uma das mais sugestivas experiências a que já se submeteu um povo. Coube-lhe, primeiro, transformar-se em arsenal de material bélico do mundo inteiro. E, logo a seguir, preparar a maior força armada da história de todos os tempos. Tudo isso em prazo exíguo, com ritmo de quem tem o inimigo às portas e foi apanhado de surpresa e desarmado!

Em meses e, às vezes, em semanas, construíram-se fábricas cujas dimensões desafiam a imaginação humana. O equipamento colossal, altamente complexo e refinado, para essas usinas, foi também executado e montado no mesmo prazo.

E a mão de obra para êsse empreendimento ciclópico? Também aqui os norte americanos excederam à própria fantasia.

No processo de produzir fez-se uma revolução, decompondo a fabricação em parcelas, especializando máquinas e, às vezes, fábricas inteiras, na elaboração de partes isoladas da munição, dos canhões, aviões, navios, etc. para uma junção final.

No preparo da mão de obra, em escala jamais vista, uma outra revolução foi levada a efeito. As escolas profissionais, que se contam por milhares no país amigo, passaram a trabalhar 24 horas seguidas em turnos. Homens e sobretudo mulheres, devidamente selecionados, lotam todas as vagas dos cursos rápidos de emergência. Uns iniciam as suas aulas e o seu treinamento durante o dia, outros às 6 horas da tarde e ainda outros à meia-noite! Aqui também foram decompostas as técnicas complexas a serem ensinadas. Cada homem ou mulher vai ser adextraído intensivamente em um número limitado de operações, às vezes durante seis semanas apenas. E' então enviado

para um curto estágio junto a operários dextros e a seguir introduzido no trabalho no qual realizará sempre aquelas operações que aprendeu. Além desses treinos monotécnicos, outros cursos de emergência, destinados a daptar ou a aperfeiçoar operários de alta qualificação, se multiplicam em toda parte. E' a produção em série e em escala gigantesca de mão de obra.

E' o exército do trabalho que assim é mobilizado nas fábricas e treinado nas escolas. Êsse esforço de guerra da educação de um país, é inédito na história da humanidade!

Êsse esforço e essa incrível *performance* traduzem uma civilização de base industrial, desenvolvida em escada altíssima. Ela é uma expressão de uma mentalidade e de um tipo de educação que o nosso expositor denomina, muito bem, de "caráter técnico-científico".

Estamos, pois, de inteiro acôrdo com o Prof. Murilo Braga quando afirma que em tempo de guerra cabe à educação um esforço para ajustar o homem para a defesa nacional.

Agora indagamos, pode o aparelho escolar realizar esforço fecundo de ajustar o homem às condições de guerra do presente, se ela não tiver sido, durante a paz, de base preponderantemente "técnico-científica"?

Poderiam as escolas americanas pôr a serviço da guerra o esplêndido trabalho de adaptação humana para as condições da luta, sem o padrão educacional que vem desenvolvendo durante mais de 50 anos?

Qual a educação mais capaz de manter o homem em condições de bem defender a sua Pátria em um mundo cada dia mais servido de ciência e de técnica?

Não nos estará ensinando a experiência do povo americano que a melhor educação para a emergência da guerra é aquela que, na paz, permita uma adequada adaptação do homem à vida?

Parece-nos que há um paradoxo aparente no jôgo desta luta. Havia, no seu comêço, nações preparadas e nações desprevenidas para a guerra. A Alemanha, a Itália e o Japão eram colocados no primeiro grupo e as nações unidas no segundo, pelo consenso unânime. Entretanto, as que se diziam despreparadas vão vencer a guerra.

Não será porque tinham encontrado melhor adaptação à vida, durante a paz'?

O Prof. Nilton Campos, da Faculdade Nacional de Filosofia e segundo debatedor da tarde, assim se manifestou sobre o assunto em discussão:

Distingo no trabalho do ilustre conferencista, as seguintes questões:

- 1 — As necessidades da guerra atual em relação ao fator humano;
- 2 — O papel da educação na formação e desenvolvimento dos recursos humanos em sua dependência da natureza e exigências do conflito mundial;
- 3 — A influência da guerra em curso na caracterização dos fins da educação;
- 4 — A participação tanto mais eficiente em uma guerra técnica quanto maior o número de especialistas;

- 5 — A formação técnico-científica de reservas humanas como preocupação dos educadores no momento atual;
- 6 — A necessidade de evitar toda e qualquer discussão filosófica sobre os fins últimos da educação;
- 7 — O imperativo da educação não poder ser *neutra*.

Após estudar, com aguda visão, essas questões, o autor conclue que o planejamento de nossa educação para que ela preste a sua colaboração ao esforço de guerra, deverá não só considerar os nossos problemas espirituais e econômicos, como também a natureza dos conhecimentos científicos que devam ser ministrados aos indivíduos *afim de equipá-los eficientemente para perfeita integração à vida presente e futura* (o grifo é nosso).

Aquí desejaria que o conferencista esclarecesse se os fins da educação, em face da situação presente, tem um caráter de emergência ou deverão ser entendidos em um sentido permanente. Permito-me indagar se não é preciso distinguir a preparação para guerra do que é finalidade própria da educação. Assim, não sei se o planejamento educativo para o esforço de guerra, servirá também como equipamento eficiente dos indivíduos para sua perfeita integração à vida futura.

O próprio autor da conferência admite claramente que a educação deve preparar o homem para o surto de uma nova era, justificando a minha dúvida sobre o preparo para a guerra, baseado necessariamente na formação técnico-científica, ser capaz de assegurar a adaptação dos indivíduos ao convívio humano do pós-guerra.

Creio que realizar a Paz é mais difícil do que ganhar a guerra. Por conseguinte, a pacificação mundial deve exigir muito mais da educação, ou seja, algo mais do que a preparação científica de técnicos, apenas hábeis no manêjo das máquinas.

Para a conquista da Paz, impõe-se a formação de seres que saibam que o homem é o mais complexo de todos os maquinismos, cuja possibilidade de manobrar não será obtida pelo tecnismo imposto e aperfeiçoado pela guerra, prolongando sua ação pela nova era.

A fase vindoura da humanidade terá que decidir o conflito essencial entre o Indivíduo e a Sociedade. Terá que resolver se é possível sobreviver espiritualmente a pessoa humana, ou desaparecer definitivamente absorvida pela soberania do econômico-social.

Concordo, portanto, com o conferencista, em que a educação não pode ser *neutra*, pois os seus fins estarão decorrendo da posição que assumir o mundo futuro, conforme sentenciar ser a finalidade educativa humanizar afinal o homem, ou apenas socializá-lo.

E' óbvio que, para fazer do homem um simples fator de produção, basta educá-lo para o exercício de certas técnicas compatíveis com o grau de sua inteligência e os característicos de suas aptidões. Mas se pretendermos reconstruir uma verdadeira humanidade, onde o homem volte a ser a medida de todas as coisas, vencendo a máquina que o escravizou, somente uma educação fundada na Moral, realizará essa reconstrução.

Justamente por me faltar competência para propor novos fins para a Educação, transcrevo as palavras da "Recomendação Preliminar sobre os Problemas do Após-Guerra", firmada pela Comissão Jurídica Inter-Americana, na seguinte conclusão textual:

"A Comissão Jurídica Inter-Americana, fundada nos fatos anteriormente expostos como causas principais da perturbação da paz e da ordem internacionais; e considerando a necessidade de contribuir para a determinação das normas gerais sobre as quais deverá estabelecer-se o direito e a ordem para a implantação de uma paz justa e permanente entre os Estados, formula perante os Governos das Repúblicas Americanas: —

1. Prioridade da lei moral e dos princípios fundamentais de Direito Internacional dela derivados.

"Os Estados deverão reconhecer nas suas relações mútuas a *prioridade da lei moral, que é a mesma para os Estados e para os indivíduos* (o grifo é nosso).

Não basta, entretanto, restabelecer o primado das leis ético-jurídicas na remodelação do mundo futuro. E' imprescindível inculcar esses princípios renovadores através da Educação valorizada em seus fins últimos, por uma filosofia moral. Evidentemente, tal objetivo não exclue a preparação técnico-científica, entendida como sendo um meio e não uma finalidade.

Sei que estou filosofando e, portanto, incorrendo na condenação formal do douto conferencista. Essas cogitações doutrinárias foram porém provocadas inevitavelmente pela alta significação de suas próprias idéias, que me fizeram verificar serem todas as transformações da humanidade movidas sempre por uma corrente filosófica, imprimindo um determinado sentido à Educação, de modo que jamais esta foi *neutra*.

Assim, no século XVIII, tivemos Jean Jacques Rousseau pregando os direitos do homem e o naturalismo pedagógico. Em plena época industrial do século XIX, vicejou o evolucionismo de Spencer e Darwin e o pragmatismo de W. James desenvolvendo a finalidade individualista e utilitarista da Educação. Finalmente, Frederico Nietzsche e Karl Marx inspiram o social-nacionalismo e o comunismo, educando para a opressão dos fracos ou para uma sociedade utópicamente sem classes.

Enfim, é sob a luz incandescente das nossas teorias que modelamos a nossa conduta, não somente em relação à nossa vida privada, como também no domínio político e econômico. Por isso, com muita exatidão diz Aldous Huxley que: — "longe de ser fora de propósito, nossas crenças metafísicas são o fator determinante final de todas nossas ações". (ver "Ends and Means", tradução francesa de Jules Castier, livreria Plon, Paris, 1939, pag. 11)".

A seguir, foi dada a palavra ao conferencista, que respondeu a alguns reparos de seus comentaristas e justificou afirmações que fizera, encerrando-se, logo após, a reunião.